



Após criar o homem e entregar-lhe a dádiva do casamento e da sexualidade, o Eterno os abençoou com uma bênção muito específica: “Sejam férteis e multipliquem-se!” (Gn 1.28). Ter filhos é uma bênção do Eterno, mas o que as Escrituras dizem sobre a realidade da maternidade/paternidade? Como as Escrituras veem a questão dos filhos no seio da família e da responsabilidade dos pais de educar os filhos?

Antes de demonstrar como a cosmovisão cristã vê a questão dos filhos, é importante deixar claro algumas percepções históricas e atuais. Tim e Kathy Keller ressaltam que “quase todas as religiões e culturas antigas consideravam a família e a geração de filhos como um valor absoluto. Não havia honra sem a honra da família, não havia verdadeiro e duradouro significado ou legado sem herdeiros. Sem filho, o indivíduo basicamente desaparecia, não tinha futuro. A grande esperança era, portanto, ter filhos”.¹

No passado, as pessoas colocavam suas esperanças no fato de ter filhos pois seus filhos nasciam com uma função: conceder aos pais valor próprio diante da sociedade que os julgaria valorosos através da medição da honra de sua família. Logo, os filhos não apenas nasciam visando conceder senso de valor aos seus pais como continuavam trilhando esse caminho ao longo da vida. Os filhos deveriam fazer escolhas acertadas, serem bons filhos, alcançar sucesso e prestígio a fim de validar seus pais, ratificando assim seus genitores. O fato é que nessa dinâmica fica claro que o pensamento dominante dos pais está construído na base do “é sobre mim”. Os filhos deveriam cumprir as expectativas dos pais, seguindo na maioria das culturas antigas o ofício do pai e casando-se com o cônjuge que agradaria o desejo dos pais.

Atualmente, parece que algumas mudanças significativas aconteceram no cenário, mas isso é apenas aparente e superficial. Por baixo do capô as engrenagens e mecanismos são praticamente as mesmas. Ainda existe uma forte narrativa – especialmente nas famílias e culturas locais mais conservadoras – de que é preciso casar e ter filhos a fim de alcançar status social e respeitabilidade. Keller lembra que um traço distintivo da fé cristã é que para a mesma a vida de solteiro – em celibato – é perfeitamente viável pois o indivíduo não precisa da dignidade imputada a ele pela sociedade e pela família, mas seu senso de valor vem de sua relação com Cristo. Sendo assim, Paulo e o próprio Jesus abraçaram essa opção de vida claramente indo na contramão das expectativas ao redor.²

Já com relação a criação dos filhos, por um lado ainda hoje muitos pais incubem aos filhos a missão de lhes conceder valor próprio e sonham/escolhem para eles carreiras, profissões, casamentos e outras realidades que vão atestar que foram de fato bons pais. O sucesso do filho é o sucesso dos pais. O fracasso dos filhos é o fracasso dos pais. Para o filho bem sucedido, amor como resultado pela missão cumprida. Ao filho fracassado, o que restar.

Por outro lado há também uma notável tirania nascente dos filhos sobre os pais. Kevin Leman ilustra com seu estilo maravilhosamente simples e direto: “Muitos de nós [...] passamos muito tirando os obstáculos de seu caminho – tomando decisões demais por eles, dando-lhes opções demais, resgatando-os de situações difíceis, dando desculpas para quando são irresponsáveis, ignorando todas as vezes que fomos destratados. Afinal, você quer que seu filho goste de você, não é?”.³

Novamente, a dinâmica é construída na base do “tudo é sobre mim”, seja quando os filhos autenticam o valor dos pais, seja quando os pais acreditam que sua missão é receber amor dos filhos, evitando confrontá-los e cedendo aos seus caprichos e desejos.

Jorge Atencia afirma que “é difícil tratar a questão dos relacionamentos do ser humano sem antes um entendimento bíblico do que é ser pessoa. Não afirmamos isso sozinhos. Alguns escritores, tanto católicos como protestantes, têm começado a considerar a importância desse tema como prévio a uma reflexão sobre o casamento e a família”.⁴ Ou seja, a reflexão cristã sobre o casamento e a família sempre começa do mesmo ponto: do entendimento do ser humano como ser pessoal como nos é ensinado nas Escrituras.

É, portanto, crucial lembrar que ao criar o ser humano, o Eterno o criou como um ser pessoal, assim como o próprio Criador é um ser pessoal, ou uma “pessoa criada”, nas palavras de Anthony Hoekema.⁵ Não devemos pensar que essa declaração é verdadeira apenas para Adão, como se apenas ele tivesse sido formado pelas mãos do Eterno. O salmo 139 é um poema de beleza incrível que descreve a compreensão que Davi possuía de si mesmo: alguém criado por Deus, desenhado pelo Eterno nos mínimos detalhes no útero de sua mãe. Por que o Eterno o havia criado, possuía também um

¹ KELLER, Timothy; KELLER, Kathy. *O significado do casamento*. São Paulo: Vida Nova, 2012, p.235

² KELLER, Timothy; KELLER, Kathy. *O significado do casamento*. São Paulo: Vida Nova, 2012, p.235

³ LEMAN, Kevin. *Transforme seu filho até sexta feira*. São Paulo: Mundo Cristão, 2009, p.18

⁴ ATIENCIA, Jorge. *Pessoa, casal e família – in Fundamentos Bíblico-Teológicos do casamentos e da família* (Jorge E. Maldonado Org.). Viçosa: Ultimato, 1996.

⁵ HOEKEMA, Anthony. *Created in God's image*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1986, p.6

conhecimento íntimo sobre ele. O que fica claro é que embora a mãe de Davi pudesse estar gerando-o em seu ventre, em última instância aquele que estava chamando Davi a existência que possuía sonhos e planos para Ele era o próprio Eterno. Era o Eterno a entretecê-lo, tricotando cada aminoácido de seu DNA e esculpindo nele talentos que mais tarde se encaixariam perfeitamente nos planos do Eterno para a sua vida.

O fato de que todos somos seres criados deve nos libertar da pretensão de termos filhos para nós mesmos, para viverem nossos sonhos e planos, mas nos lembrar que em última instância meu filho ou filha é na verdade uma criança do Eterno. As Escrituras nos lembram que o Eterno já havia planejado planos de paz para nós desde antes da fundação do mundo (Efésios 1.3-6). Por isso as Escrituras não hesitam em afirmar: o Eterno é o Pai em última instância de todos nós (Salmo 27.10).

Essa verdade altera completamente a ideia de gerar filhos para minha própria satisfação, filhos que possam alcançar o sucesso e os sonhos que não alcancei, ou para receber deles amor. O fato de que meu senso de valor pessoal vem até mim pelo Evangelho e de que o amor que preciso encontro dentro de minha relação com Cristo me previnem de oprimir ou idolatrar os filhos que o Senhor me der. Portanto, os filhos são um dom do Eterno, como deixa claro o salmo 127. Todavia, embora o filho seja dado a mim não me pertence e sim ao Senhor. Há aqui um traço de mordomia na criação dos filhos, pois em última instância eles são filhos do Pai Celestial bem como eu também o sou.

É devido a esta compreensão que Stanley Hauerwas afirma: “Os cristãos não depositam sua esperança nos filhos; antes, os filhos são sinal de sua esperança [...] de que Deus não abandonou este mundo”.⁶ Isto implica dizer que ter filhos não é sobre mim, sobre minha satisfação ou alegria ou ser amado: é sobre experimentar o glorioso relacionamento de amor no seio da família que o Deus Trino experiencia na Família Eterna.

O cristão que tem filhos os tem para o Eterno e não para si mesmo, por isso Paulo deixou claro que a missão dos pais cristãos é criar os filhos “segundo a instrução e o conselho do Senhor” (Ef 6.1-4). Paulo primeiramente ordena aos filhos que honrem os pais – algo que inclui o respeito e a obediência mas certamente não se resumem a eles – lembrando que este é um dos grandes comandos das Escrituras. Em seguida, a passagem parece despreziosa e soa como “levar os filhos a igreja” ou “confrontá-los com a Bíblia”. Todavia, o verbo “criar” alcança ao mesmo tempo a perspectiva de nutrir suas necessidades físicas e de educá-los.⁷ Paulo então introduz duas ideias muito significativas: instrução, do original “*paideia*” e conselho, no original “*nouthesia*”.

O termo traduzido como “instrução” significa “educação, treinamento, correção e disciplina”⁸ e aponta para o trabalho paternal/maternal como sendo um trabalho de educar, treinar, e também impor disciplina e se necessário sanções. É oportuno lembrar o provérbio: “Quem se nega a castigar o seu filho não o ama; quem o ama não hesita em discipliná-lo” (Pv 13.24). O pai/mãe que faz uma conexão entre correção/sanção e falta de amor não percebe que o amor disciplina (Pv 3.12 e Hb 12.6) mas a indiferença simplesmente ignora as faltas. Obviamente, o que o Senhor espera de nós é que amemos nossos filhos e não sejamos indiferentes a eles. A imposição de limites e a sanção no caso dos mesmos serem ultrapassados é uma afirmação de amor e não de indiferença e prepara a criança para realidade da vida: na vida quando limites são ultrapassados muitas vezes as consequências são irreparáveis. Deixar de corrigir o filho para não desagradá-lo ou para evitar o trabalho não é amor pelo filho: é apenas e tão somente amor por si mesmo, ou seja, egoísmo sob outras roupagens.

É sempre oportuno lembrar algumas realidades práticas. Primeiro, a certeza da impunidade levará a negação da autoridade. Segundo, homens e mulheres tem perspectivas diferentes com relação ao uso da autoridade⁹ e essas diferenças – que visam a complementaridade – vão se manifesta de forma crucial na criação dos filhos. Se as crianças percebem essa divisão no seio da autoridade entre pai e mãe vão explorar oportunidades para jogar um contra o outro. Algumas regras básicas tem de ser estabelecidas para evitar a castração da autoridade do pai e da mãe e também a tirania doméstica. Terceiro e último é a questão da vida urbana e do tempo. Muitos pais estão esgotados demais para despender a energia necessária na disciplina dos filhos ou ficam muito tempo fora de casa e se sentem obrigados a compensar seu sentimento de culpa abrindo concessões demasiadas aos filhos ou abrindo mão da disciplina. Temos de estar cientes das dificuldades contextuais mas nunca abrir mão dos princípios das Escrituras.

O termo traduzido como “conselho” significa “chamar a atenção, corrigir por meio de palavras, aconselhar e encorajar”.¹⁰ O termo aponta para o trabalho dos pais de, por meio da palavra, alinhar seus filhos constantemente com as Escrituras, confrontando suas falhas com amor e verdade e ao mesmo tempo encorajando-os diante dos desafios da vida.

Paulo encerra esta sessão lembrando aos pais a um só tempo a base para a criação dos seus filhos – as Escrituras Sagradas - e o propósito para a mesma – criar seus filhos para que conheçam e sirvam ao Senhor. Ao ordenar aos pais que criem seus filhos na instrução e conselho do Senhor, Paulo os está lembrando de que em última instância seu trabalho como bons mordomos dos filhos que lhe foram confiados é levar seus filhos a reconhecer e abraçar a paternidade do Eterno.

⁶ APUD KELLER, Timothy; KELLER, Kathy. *O significado do casamento*. São Paulo: Vida Nova, 2012, p.237

⁷ WOOD, A. SKEVINGTON: Ephesians. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Ephesians through Philemon*. vol. 11. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1981, p. 82

⁸ STRONG, JAMES: *A Concise Dictionary of the Words in the Greek Testament and The Hebrew Bible*, 1.

⁹ KELLER, Timothy; KELLER, Kathy. *O significado do casamento*. São Paulo: Vida Nova, 2012, p.215

¹⁰ STRONG, JAMES: *A Concise Dictionary of the Words in the Greek Testament and The Hebrew Bible*, 1.